

Aue Aue X

Causa P 4

Para Cardoso, tese dos 4 anos deve vencer por 'pressão da sociedade'

Luiz Novaes



O senador Fernando Henrique Cardoso (PMDB-SP), na reunião de líderes

Da Sucursal de Brasília

O líder do PMDB no Senado, Fernando Henrique Cardoso (SP), disse ontem que os resultados da pesquisa realizada pelo DataFolha junto a 508 dos 559 constituintes demonstram que a tendência do Congresso constituinte é optar pelo mandato de quatro anos para o presidente José Sarney. A pesquisa revelou que 48% (245 parlamentares) são favoráveis aos cinco anos e 43% (220) favoráveis aos quatro — o restante ainda não se definiu. Na avaliação de Cardoso, a vantagem da tese dos cinco anos já foi maior e está diminuindo. Para ele, a "pressão da sociedade" está levando os parlamentares a optarem pelos quatro anos.

O deputado Roberto Cardoso Alves (PMDB-SP), um dos líderes do Centrão, disse que os percentuais apurados pela pesquisa deverão se manter até a votação da questão,

incluída nas Disposições Transitórias. O que pode haver, segundo ele, é "uma ou outra modificação, ao sabor dos governos estaduais", o que, acredita, não colocará em risco a vitória dos cinco anos.

A deputada Sandra Cavalcanti (PFL-RJ), do Grupo dos 32, disse não ter dúvidas quanto à vitória dos quatro anos. Segundo ela, "ninguém vai ter coragem de enfrentar o eleitorado depois de votar nos cinco anos". O deputado Plínio de Arruda Sampaio (PT-SP), limitou-se a comentar: "Se um jogo fosse ganho antes do seu início, não haveria campeonato". Ele acredita na vitória dos quatro anos.

O líder do PMDB no Congresso constituinte, Mário Covas (SP), disse que também não duvida da aprovação dos quatro anos, apesar da vantagem dos cinco anos. O presidente do Congresso constituinte, Ulysses Guimarães, afirmou que não opina sobre o assunto.

O general inflação e o mandato

CLÓVIS ROSSI

Da Reportagem Local

Há uma relativo consenso, no mundo político e no ministério do presidente José Sarney, de que a duração de seu mandato será em boa medida determinada pelos índices de inflação dos meses que antecederem a votação do tema no Congresso constituinte.

O próprio ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, embora ressaltando que é um técnico e não um político, tem dito, em conversas reservadas, que está consciente de que o mandato do presidente depende de sua atuação à frente da pasta.

Se essa avaliação estiver correta, a corrida entre inflação e mandato está começando com desvantagem para o presidente. Em janeiro, conforme contas praticamente fechadas pelo IBGE, a inflação ficará

em 16,5%, bem mais do que os 14,1% do mês anterior e bem mais, também, do que a previsão inicial de Mailson para Sarney (o ministro, logo após assumir, dissera que a inflação de janeiro ficaria abaixo da de dezembro).

Para fevereiro, consultorias como as chefiadas por Gilberto Dupas, economista que foi secretário da Agricultura em São Paulo, e João Sayad, que foi ministro do Planejamento até março de 87, trabalham com nova alta, para algo em torno de 17/18%. "A tendência é ascendente", afirma Sayad, 42.

Mas o número cabalístico é 20%, patamar a partir do qual o governo Sarney reagiu, antes, com choques econômicos. Esse número, de acordo com cálculos do setor privado, pode ser atingido em março, exatamente o mês em que se estará às vésperas da votação do mandato presidencial.

Presidente vinha reclamando do senador

Do enviado especial a Brasília

A informação que circulou no Palácio do Planalto no princípio da última semana, de que o líder do PMDB no Senado, Fernando Henrique Cardoso (SP), faria um discurso forte contra o governo, foi o que motivou o presidente José Sarney a convidar o senador Saldanha Derzi (PMDB-MS), seu amigo pessoal, para o cargo de líder do governo no Senado. O convite foi feito (e aceito) na tarde de quinta-feira, mesmo dia em que Cardoso pronunciou seu discurso. A Folha apurou que desde o segundo semestre do ano passado, Sarney vem reclamando com políticos que privam de sua intimidade, da pouca disposição do senador paulista para defendê-lo — e defender seu governo — das críticas. O curioso é que o vazamento na imprensa, ao longo da semana, de algumas frases do pronunciamento do líder do PMDB, causou um certo nervosismo no Planalto — e o discurso em si, revelou-se muito mais polido do que o que foi anunciado.

sorrindo, sexta-feira, "mas o discurso foi forte. Eu disse que nós devemos esquecer esse governo, você acha isso pouco?" Refestelado, na manhã de sexta-feira, em uma cadeira giratória à frente da mesa de trabalho do senador Edison Lobão (PFL-MA), o senador Alexandre Costa (PFL-MA) achava, efetivamente, muito pouco. "Vou lhe dizer uma coisa", declarou Alexandre com expressão séria, "eu fui para o Senado (na quinta-feira) a fim de apartear o Fernando Henrique. Mas o discurso dele foi tão chocho, tão sem nada, que eu nem me preocupei. Na saída ainda fui ao Chiarelli (Carlos Chiarelli, líder do PFL no Senado), e perguntei o que ele tinha encontrado naquele pronunciamento de tão importante que ele se viu na obrigação de fazer uns apertes. Sabe o que o Chiarelli me respondeu? Que o Fernando Henrique tinha telefonado cinco vezes para o gabinete dele, pedindo que ele não deixasse de participar da sessão e do discurso."

Ataques

Parlamentares que mantêm com o presidente da República um relacionamento equivalente ao de Alexan-

dre Costa, dizem que o maranhense José Sarney vem sendo continuamente atacado por um grupo bem definido de senadores, entre os quais incluem Mansueto de Lavor (PMDB-PE), Ruy Bacelar e Jutahy Magalhães — os dois últimos do PMDB baiano.

As declarações de Bacelar e Jutahy se encaixam no quadro de relacionamento difícil que vivem hoje a Presidência da República de um lado, e o PMDB e o governo da Bahia de outro. O motivo disso é o prestígio de que desfruta no governo o ministro das Comunicações — ex-governador (por duas vezes) da Bahia — Antônio Carlos Magalhães, do PFL. O relacionamento entre os peemedebistas baianos e o Planalto foi definido, na última sexta, de forma curta e grossa, por um político que, até dois anos atrás, podia ser considerado como do círculo mais íntimo do maranhense José Sarney, o senador Luís Viana Filho (PMDB-BA). "As nossas relações não estão frias", comentou o senador, "estão geladas".

Articulador

Senadores do PFL de reconhecido

acesso a Sarney como Lobão e Alexandre Costa dizem que o presidente da República não poderia escolher para a liderança do governo no Senado um constituinte que não pertencesse ao PMDB — o maior partido do Congresso. Dizem também que Saldanha Derzi é um articulador eficiente (tendo atuado com sucesso no deslindamento de situações delicadas no Senado, como as criadas para a aprovação dos nomes de certos diplomatas para postos no exterior, e questões de importância semelhante). Esta segunda alegação pode ser válida, mas a primeira não é coerente com um discurso feito pelo próprio Sarney, no fim do ano passado, quando o presidente anunciou que governaria acima "dos condicionamentos partidários".

Sexta-feira passada, Alexandre Costa parecia suspirar aliviado, pela polidez de Fernando Henrique em seu discurso: "Parecia até discurso de quem quer ser primeiro-ministro", brincou. "Pois eu só queria saber se conto com o voto dele pra isso", retrucou sorrindo, mais tarde, o senador do PMDB paulista.

(Roberto Lopes)